

FILOCTETES: ORÁCULO NEGLIGENCIADO, CENAS DE PIEDADE, NA DIREÇÃO DO CONFLITO DE NATUREZA ÉTICA

Kleber Bezerra Rochaⁱ

Resumo

O objeto de estudo dessa pesquisa é encontrar e analisar a questão principal da tragédia *Filoctetes* de Sófocles, porque esse autor apresenta os encadeamentos sobre o destino de Filoctetes, que notoriamente ficam em segundo plano; assim como, ressalta sobre a dor do protagonista para provocar piedade, *kátharsis*, porém essa não é a questão base. O assunto fundamental desse drama é a ética do “deuteragonista”, Neoptólemo, ou melhor, a mudança de postura que ele tem, que deveria estar em segundo plano, mas que assume o pivô da peça.

Palavras-Chave: tragédia grega, filoctetes, destino, *kátharsis*, ética.

PHILOCTETES: NEGLECTED ORACLE, SCENES OF PITY, IN THE DIRECTION OF THE CONFLICT OF ETHICAL NATURE

Abstract

The object of study in this research is to find and analyze the main question of Sophocles' tragedy *Philoctetes*, because this playwright presents the unfolding events related to the fate of Philoctetes, which are notoriously in the background; as well as he emphasizes the pain of the protagonist in order to provoke pity, *katharsis*, and this is not the central question. The fundamental subject of this drama is the ethics of the ‘deuteragonist’ Neoptolemus, or rather the change in attitude that he undergoes, which should be in the background but, instead, becomes the pivot of the play.

Keywords: greek tragedy, philoctetes, destiny, *katharsis*, ethics.

1 – Introdução

Esta pesquisa tem o objetivo de encontrar a questão principal tratada em *Filoctetes* de Sófocles, que por mais que o destino tenha as suas representações importantes no oráculo apresentado, ou mesmo a colocação da *kátharsis* e das lamentações tenha dado ênfase às cenas, o problema parece estar, primordialmente, na mudança de conduta de Neoptólemo. Assim, sobre ele, Lesky (1996, p. 178) diz que “a suposição que estaria em processo de transformação nos vedaria a compreensão de sua figura desde o início”.

A peça começa com Odisseu e Neoptólemoⁱ chegando à costa da ilha de Lemnos e, nesse momento inicial, aquele convence este a persuadir Filoctetesⁱ a voltar para Tróia para cumprir o

ⁱMestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Email: kleberrocha@hotmail.com.br

ⁱFilho de Aquiles, que segue com os gregos para Tróia em momentos posteriores e ainda bem jovem.

ⁱHerói homônimo à peça, e se conta que no momento final da vida de Hércules, ele “No pícaro do monte mandou erguer uma pira e deitou-se sobre ela. Tudo pronto, ordenou que pusesse fogo na madeira, mas nenhum de seus servidores ousou fazê-lo. Somente Filoctetes, se bem que relutante e a contragosto, acedeu, tendo recebido, por seu gesto de coragem e compaixão, um grande presente do herói agonizante: seu arco e suas flechas. Conta-se que, antes de morrer, Hércules solicitou a Filoctetes, única testemunha de seus derradeiros momentos, que jamais revelasse o local da pira. Interrogado, sempre se manteve firme e fiel ao pedido do herói. Um dia, porém, tendo escalado o monte Eta, sob

oráculo, pois os Atridas só vencerão os troianos se este herói arqueiro for ao combate. Depois, Neoptólemo vai ao encontro de Filoctetes para convencê-lo a ir à guerra. Assim, aos poucos o texto nos revela que Filoctetes estava naquela ilha, porque tinha sido picado por uma serpente sagrada e a dor, o gemido, como também o terrível cheiro, que exalava da ferida, formada pela picada fizeram com que os aqueus o abandonassem ali, antes de chegarem a Troia para a Guerra.

Na sequência do poema, Neoptólemo convence Filoctetes a ir ao navio e de lá, depois do diálogo que eles têm, o levaria para casa. Em um dos momentos, este acaba cedendo o seu arco para o Neoptólemo o qual o entrega a Odisseu. Em seguida, ele muda de opinião e resolve devolver o arco, entra em um acordo com Filoctetes, que, por fim, realmente reconhece o valor de Neoptólemo e Hércules, como *deus ex machina*, o convence de que o oráculo (mencionado no começo e desacreditado), agora, deve ser cumprido: ele irá a Troia, será curado e auxiliará os gregos a vencerem a guerra.

Dessa maneira, a questão aqui será primeiro verificar sobre o destino, colocado na figura do oráculo e o que ele representa para a tragédia em questão. Depois, entender o que a piedade e a *kátharsis* indicam para o enredo e, concluindo, mostrar a necessidade primeira que direciona Sófocles, à questão ética de Neoptólemo.

2 – O Oráculo e O Destino em *Filoctete*

Na parte inicial da tragédia, logo que Neoptólemo consegue convencer Filoctetes a seguir com ele para a embarcação, os dois encontram no meio do caminho um vigia na figura de Mercador e este pronuncia o oráculo feito para Filoctetes por Heleno, filho de Príamo, que estava preso pelos Aqueus:

Uma noite em que saiu só, foi apanhado
pelos ardis de Ulisses, o indivíduo que diz todas as ver-
gonhas e infâmias. Algemado o trouxe e o apresentou diante
dos Aqueus: uma bela caça! Este, além de muitas outras pro-
fecias, revelou-lhe também que a cidadela de Tróia nunca poderia
ser destruída, se pela persuasão não levasse este homem da
ilha em que agora habita. (SÓFOCLES, 1997, vv. 606 – 614)

Mesmo com toda essa fala revelando sobre o destino de Filoctetes, ele pouco dá importância. Centrando atenção principalmente em sua dor e em sua mágoa para com os gregos, que o abandonam naquela ilha. Como também, o filho de Aquiles pouco se importa com o oráculo e já apoia Filoctetes a voltar para casa na Tessália, dizendo que vai auxiliá-lo. Claro que isso tinha um

uma saraivada de perguntas, feriu significativamente a terra com o pé: estava descoberto o segredo. Bem mais tarde (é uma das versões) Filoctetes foi punido com uma ferida incurável no mesmo pé.” (BRANDÃO, 1993, p. 128) Tal ferida foi produzida em Filoctetes no momento que estava indo junto dos outros gregos para a Guerra de Tróia e passava em um templo de Crise em uma ilha, quando uma serpente o picou, dessa formou-se uma ferida que infeccionada exalava um odor terrível.

intuito, era tomar o seu arco a pedido de Odisseu.

Tudo leva a crer, então, que Sófocles não está centrando a sua atenção em relação ao destino traçado pelos deuses para Filoctetes. Em alguns momentos, até se fala sobre o motivo daquilo tudo ser Crises, mas parece que como afirma Kitto (1990, p. 207) tudo “têm apenas valor convencional, como o ponto a partir do qual a história começa; é essa a razão pela qual ele nem sequer menciona a serpente aqui”.

Em dois outros momentos, o oráculo novamente é pronunciado. Um, quando da devolução do arco a Filoctetes por Neoptólemo, que diz:

Fica a saber que, enquanto este Sol continuar a levantar-se de um lado e por-se de outro, jamais obterás o fim desta tua cruel enfermidade, sem que primeiro, de tua livre vontade, partas para as planícies troianas, onde, junto de nós, encontrarás um dos dois Asclepiades que te curará desse mal, e onde te tornarás famoso, ao destruíres a cidadela com o teu arco e a minha ajuda. (SÓFOCLES, 1997, vv. 1329 – 1336)

Nessa parte do enredo, ele apoia a ida de Filoctetes a Troia, falando o seguinte no diálogo com o herói ferido:

NEOPTÓLEMO

É razoável o que dizes. No entanto, eu desejava igualmente que tu acreditasses nos deuses e nas minhas palavras, e saísse desta terra com quem é teu amigo.

FILOCTETES

Para os campos troianos e para junto do filho de Atreu, que tanto odeia este meu desditoso pé?

NEOPTÓLEMO

Não, mas para junto de quem te podes aliviar as dores desse teu pé ulcerado e livrar-te do mal. (SÓFOCLES, 1997, vv. 1374 – 1379)

percebe-se, assim, que novamente Filoctetes diz não ao oráculo, quando ele é pronunciado pelos homens, mas segundo Kitto (1990) no momento em que o destino é colocado na boca de um deus, isso muda de figura, é o que acontece na seguinte fala de Hércules:

Eu enviarei a Ílion Asclépios, que te curará da enfermidade. Pela segunda vez, essa cidade deve ser conquistada com as minhas armas. Mas atendei ao seguinte: quando tiverdes devastado a terra, sede reverente para com os deuses. Zeus pai considera de somenos todo o resto. É que o respeito pelos deuses não parece com os mortais. (SÓFOCLES, 1997, vv. 1439 – 1444)

Parece, contudo, que a intenção de Sófocles é fazer essa aparição do *deus ex machina*, que muitos afirmam ser artificial, no momento quando normalmente ele aparece para fazer o desfecho da peça e resolver uma questão, a qual um homem não pode resolver, convencer Filoctetes de seu destino. Dando margem, assim, para se entender que ele usa o transcurso do poema, fortemente, para tratar da ética de Neoptólemo. Claro que um outro aspecto é ressaltado, o realismo da situação de dor de Filoctetes.

3 – DOR, PIEDADE E *KÁTHARSIS* EM *FILOCTETES*

Como pode ver-se na *Poética*:

É pois a Tragédia imitação de caráter elevado, completa de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama], [imitação que se efetua] não por narrativa, mas por mediante atores, e que, suscitando o “terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções”. (ARISTÓTELES, 1993, p. 37)

Em *Filoctetes*, Sófocles apresenta o protagonista homônimo à peça, em muitos momentos, expressando a dor que sente com o ferimento no pé e as lamúrias em relação ao motivo que o levou a estar naquela situação. Assim, como afirma Kitto (1990, p. 215) Filoctetes permanecerá “rejeitando tudo, suscitando, na verdade, a nossa piedade, mas não a nossa censura”, parece ser o que ele mostra, logo no início do seu primeiro encontro com Neoptólemo:

Oh! Como sou desgraçado, como sou odioso aos deuses!
Do estado em que me encontro, nenhuma notícia chegou ao meu país nem a qualquer região da Hélade. Os que me repeliram tão criminosamente riem-se de mim em silêncio, enquanto a minha chaga se desenvolve e aumenta. (SÓFOCLES, 1997, vv. 254 – 260)

Aqui, ele está lamentando a sua dor e a causa dela, querendo sensibilizar o leitor ou o ouvinte do espetáculo com as suas lamúrias. O mesmo acontece na primeira aparição do coro, pois este fala da seguinte forma:

Eu penso nele com piedade, porque
sem ter mortal que o assista,
sem a presença de um rosto amigo,
o infeliz sempre sozinho,
sofre de cruel doença
e vagueia por todo lado
em busca do que lhe falta, como pode, como,
resistir o desgraçado? (SÓFOCLES, 1997, vv. 169 – 176)

Nesse momento, o poeta busca “piedade” do público, é justamente o que afirma Aristóteles sobre a *kátharsis*, suscitando o terror, no caso aqui a piedade para purgar as emoções.

E em outra cena, talvez a mais cruel representada na peça, pois logo após uma crise forte de dor de Filoctetes, quando ele estava indo para a embarcação com Neoptólemo, este havia prometido levá-lo para casa, aquele se havendo de dor, entrega o seu arco a ele e adormece. Depois, quando o enfermo acorda, toma conta das verdadeiras intenções do filho de Aquiles: levar a arma para Odisseu. Dessa maneira, desesperado, ele fala:

Ai triste de mim! Já nem sequer me responde. Desvia de mim os olhos, como quem diz que não mo entrega mais. Ó portos, ó promontórios, ó companhia de feras das montanhas, ó rochas escarpadas, a vós dirijo estes meus lamentos, a vós que a eles sois acostumados, que não sei de outrem a quem os diga. Dir-vos-ei o que me fez o filho de Aquiles: prometeu conduzir-me a casa, e leva-me para Tróia. Depois de me apertar a mão em penhor de fé, apodera-se do meu arco sagrado que

pertencia a Hércules, filho de Zeus, e retém-no. quer mostrá-lo perante os Argivos. (SÓFOCLES, 1997, vv. 935 – 945)

Pode-se verificar aqui que Filoctetes se colocou na sua pior situação dentro da história: encontra-se ferido e sem o arco, seu único meio de proteção, símbolo da sua figura de guerreiro, e de onde ele tirava a sua alimentação. Destarte, suas lamentações só têm um menor teor, no enredo, porque, ao que parece, a questão principal que Sófocles trata no texto é a mudança de postura de Neoptólemo, que, em um momento seguinte, depois de entregar o arco a Odisseu, arrepende-se e resolve devolvê-lo a Filoctetes.

4 – O CONFLITO DE NATUREZA ÉTICA

Em *Filoctetes*, Sófocles parece apresentar, de certa forma, o caráter do pensamento grego de sua época, que mostra os traços individuais dos personagens, como está colocado na afirmação de Lesky (1996), porque o *deuteragonista propõe* mudanças ou mesmo transformações empreendidas sobre si mesmo. Contudo, melhor que mudanças, deve compreender-se como uma afirmação da sua *phýsisⁱ*, contra qualquer força que venha alterá-la, pois o filho de Aquiles assume a sua condição originária.

No início do texto, é fácil ter a percepção de que Neoptólemo estranha a proposta de Odisseu, de que só esse rapaz pode ir falar com Filoctetes e convencê-lo de ir para Tróia. O astucioso rei de Ítaca coloca os mais diversos argumentos para essa atitude: falando da ruína dos gregos, se ele não for; de não mentir que ele é filho de Aquiles e dizer que está em retorno para casa, abandonando a frota dos Aqueus, portanto, deve dizer o que quiser para mudar a opinião de Filoctetes. Por outro lado, Odisseu ainda fala que ele mesmo não pode fazer tal trabalho por ter participado da primeira expedição àquela ilha e o tal herói doente, com certeza, não o atenderia, pois ele é um dos que o deixara ali.

Destarte, o próprio rei de Ítaca concorda que aquela não é uma conduta da natureza de Neoptólemo, que responde, reafirmando:

Por mim, filho de Laertes, as palavras que me custa ouvir.
 Detesto também pô-las em prática. Não está na minha natureza
 usar de vis artifícios – nem na minha, nem, ao que dizem, na
 daquele que me deu o ser. Ao contrário, estou resolvido a
 levar o nosso homem pela força e não pela astúcia. (SÓFOCLES, 1997, vv. 88 – 91)

Essa atitude não obedece ao padrão de ética desse herói, nem muito menos a sua linhagem nobre. Mas ele vai desviar o comportamento a pedido de Odisseu, para cumprir o oráculo e os diversos argumentos traçados para que, dessa maneira, ele deva seguir. O texto coloca-nos a pensar, portanto, segundo Lesky (1996, p.180), “o que é decisivo para o homem, se a massa hereditária viva é a “natureza ou a maneira de ser de uma coisa; forma do corpo, natureza da alma; disposição natural, condição natural” (ISIDRO PEREIRA, 1990, p. 621).

em sua *phýsis* ou se a influência do meio e da educação”, pois, ao que parece para o nosso caso específico, o filho de Aquiles é honrado como o pai, porque, como já foi dito aqui, ele reassume o seu padrão ao devolver a arma de Filoctetes. É o que vemos no seguinte trecho:

NEOPTÓLEMO

Seja. Mas já tens o teu arco, e não há razão para te encole-
-rizes nem te queixares contra mim.

FOLOCTETES

De acordo. Bem mostras, ó filho, estirpe de que nasceste:
Não a de Sísifo, mas a de Aquiles que, quando entre os vivos,
Tinha fama de herói, e a conserva agora entre os mortos.

NEOPTÓLEMO

Alegra-me que faças o elogio de meu pai e o meu [...] (SÓFOCLES, 1997, vv. 1308 – 1315)

Então, expõe-se assim que, como indica Kitto (1990, p. 216), “o tema real da peça está agora concluído com a derrota total da imoralidade política” que é apresentada na pressão feita pelos Aqueus (na figura de Odisseu) a Neoptólemo, mas que este, como vimos no trecho anterior, reafirma a sua *phýsis* e busca na sua origem, um padrão diferente daquele imposto pelos gregos.

5 – Considerações Finais

A cura para o protagonista, portanto, depois de ter passado por esse isolamento cruel, é colocada como pretexto para o ritual de passagem do jovem Neoptólemo. Em vista disso, segundo Kitto (1990), a tragédia aqui tratada é sobre a *dyschéreia* “aspecto repugnante, nojo, asco” que se apresenta dentro das cenas realistas falando da ferida, do odor desagradável dessa, da dor clamando por compaixão, ou mesmo, da força religiosa do destino traçado pelo oráculo para Filoctetes e não aceito por ele, consumado pela mágoa. Porém, para o filho de Aquiles, “o repugnante” é como se apresenta no trecho em suas palavras:

FILOCTETES

Será que a repugnância da minha enfermidade te levou a já
não queres levar-me no barco?

NEOPTÓLEMO

Tudo é repugnância, quando alguém, traindo a sua natureza,
Adopta um procedimento que lhe não convém.

FILOCTETES

Mas tu nada fazes, nem dizes, que não seja digno do proceder
de teu pai, ao ajudares um homem honrado. (SÓFOCLES, 1997, vv. 900 – 906)

Sófocles apresenta, contudo, o indivíduo grego, representado por Neoptólemo, sujeito a sua natureza, que é reafirmada com a sua decisão, como já foi dito, mas que cria uma concepção negativa em relação às possibilidades pedagógicas de se compreender o homem, pois este fica condicionado à sua forma originária, mas esse é motivo para uma outra pesquisa.

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega. Vol. III*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____, Junito de Souza. *O teatro grego: a origem e a evolução*. Rio de Janeiro: Tarifa Aduaneira do Brasil Editora, 1980.
- KITTO, H. D. F. *Tragédia Grega: estudo literário. Vol. II*. Tradução de José Manuel Coutinho e Castro. Coimbra: Armênio Amado Ed., 1990.
- LESKY, Albin. *A Tragédia Grega*. Tradução de J. Guinsburg, Geraldo Gerson de Souza e Alberto Guzik. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.
- ISIDRO PEREIRA, S. J. *Dicionário grego-português e português-grego*. Braga: Codex, 1990.
- SÓFOCLES. *Filoctetes*. Tradução de José Ribeiro Ferreira. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1997.